

horácio dídimo



tijolo de barro



## noturno

o rei  
na forma  
da lei

a rua  
na forma  
da lua

a lei  
sem lua  
nem rua

a lua  
sem lei  
nem rei

**HORÁCIO DÍDIMO**

# tijolo de barro



Copyright © Horácio Dídimo.  
Todos os direitos desta edição reservados  
à MV Serviços e Editora Ltda.

REVISÃO

Júlia Greco

Leonardo Cunha

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Elaborado por Meri Gleice Rodrigues — CRB 7/6439

---

D554t

Dídimo, Horácio, 1935-2018

Tijolo de barro / Horácio Dídimo. – [2. ed.]. – Rio  
de Janeiro: Mórula, 2023.

128p. : 18 cm.

ISBN 978-65-81315-54-2

I. Poesia brasileira. I. Instituto Horácio Dídimo.  
II. Título.



23-83025

CDD: 869.1

CDU: 82-1(81)

---



Rua Teotônio Regadas 26 sala 904  
20021\_360 \_ Lapa \_ Rio de Janeiro \_ RJ  
[www.morula.com.br](http://www.morula.com.br) \_ [contato@morula.com.br](mailto:contato@morula.com.br)  
/morulaeditorial /morula\_editorial

## sumário

- 9 TIJOLO DE BARRO: areia, termo  
e transparência  
CARLOS AUGUSTO LIMA  
MANOEL RICARDO DE LIMA
- 27 afirmação
- 28 a cidade
- 29 a coisa
- 30 a conjuntura
- 31 a conspiração
- 32 a corda e o poço
- 33 a encruzilhada
- 34 a galinha e o grão
- 35 a guerra
- 36 a hora
- 37 “a lanterna de diógenes” —  
bar e restaurante
- 38 a lição
- 39 a mão

- 40 a noite
- 41 a órbita
- 42 a onça e o macaco
- 43 a paisagem
- 44 a princesa
- 45 a reação
- 46 a sobremesa
- 47 a solução
- 48 a trajetória
- 49 a última rodada
- 50 afinal
- 51 ah como eu estava cansado naquele dia!
- 52 ainda é tempo
- 53 as coisas
- 54 as comemorações
- 55 as crianças
- 56 as maravilhas da natureza
- 57 as pílulas balsâmicas da saudade
- 58 as providências
- 59 canção do exílio
- 60 canto do amor ardente
- 61 cartilha
- 62 certos besouros

- 63 de repente aconteceu uma coisa extraordinária
- 64 durante
- 65 dúvida
- 66 felicidade
- 67 floração
- 68 gravidade
- 69 inventário
- 70 luz azul
- 71 marinha
- 72 medida de ordem econômica
- 73 necessidade
- 74 não provarei
- 75 “no meio do caminho”
- 76 noturno
- 77 o abismo
- 78 o acontecimento
- 79 o anãozinho
- 80 o bicho feio
- 81 o cavalo e o passarinho
- 82 o elefante e o sapo
- 83 o endereço
- 84 o espelho mágico

- 85 o faquir
- 86 o fim do mundo
- 87 o galo verde
- 88 o gigante
- 89 o gnomo que perdeu um sonho  
de madrugada
- 90 o homem na cadeira de balanço
- 91 o lado
- 92 o leão e o carpinteiro
- 93 o longo caminho
- 94 o meu o teu e o nosso coração
- 95 o milagre
- 96 o momento
- 97 o piano e o dentista
- 98 o planeta
- 99 o nome da hora
- 100 o ouvires
- 101 o passarinho mal-ouvido
- 102 o planeta guerra
- 103 o poeta cutuca o passado
- 104 o poeta reconstrói sua desilusão
- 105 o professor
- 106 o rei não-francisco



- 107 o rinoceronte
- 108 o terremoto
- 109 o tijolo
- 110 o vendaval
- 111 o vice-rei
- 112 os caranguejos
- 113 os fantasmas
- 114 os insaciáveis
- 115 os meninos estão brincando na calçada
- 116 os minutos
- 117 os nossos aeroplanos de papel
- 118 os três passarinhos
- 119 sofro de um domingo verde
- 120 talvez
- 121 talvez nunca pudesse ter sido diferente
- 122 tudo nunca está perdido
- 123 um dia
- 124 vida



## **TIJOLO DE BARRO: areia, termo e transparência**

CARLOS AUGUSTO LIMA  
MANOEL RICARDO DE LIMA

### **. 1 .**

*Tijolo de barro* é um livro de areia. Quando ficamos diante da ideia de que o mundo é feito de pequenas coisas, uma microscopia aberta, um projeto ininterrupto de que nada se sabe exatamente. Publicado em 1968, é o segundo livro de Horácio Dídimo [Fortaleza-CE: 23.03.1935 — 02.09.2018]. A capa, tão bonita quanto a de seu primeiro livro, é também desenhada por Sérgio Lima. O livro se dirige a uma prospecção de continuidade do que já emprenhara e imprimira como uma dilação de religiosidade, ao perceber que um *religare* existe quando se faz algo que é anonimamente pequeno, mínimo, quase nada.

O jogo vem, se lança e se expande da imagem da chuva que avança sobre um tempo seco até o barro da construção de um termo: o *confim* contra toda e qualquer ideia de fronteira; a *terra* contra todo e qualquer impedimento que se organize como território; a circunvizinhança como tarefa política lançada até o infinito da esperança e do milagre.

O projeto de *transparência* avança e se amalgama ao livro que veio antes, no ano anterior, 1967: *Tempo de chuva*. É tal e qual uma encruzilhada, um pacto, um relevo, uma contemplação da proximidade e, radicalmente, sem mapas. Nessa perspectiva pensada e também imprevista da transparência, própria do inespecífico da arte moderna, é importante reparar — tendo como exemplo a armadilha infraleve d’*O Grande vidro* de Marcel Duchamp — no traço tênue e corajoso do que Horácio imagina para o poema como um gesto de vida, com as imagens que vêm dos dias e todos os impasses do real. O corpo só suporta essa desvinculação se a imaginação se faz presente como força constitutiva de algum vínculo.

Pode-se ler no pequeno poema “os nossos aeroplanos de papel” praticamente uma anotação de leitura ou uma releitura do lindo texto de Franz Kafka, “Os aeroplanos em Brescia”, quando o escritor tcheco atenta aos movimentos de Blériot e Leblanc e observa também Gabriele D’Annunzio, “baixo e fraco”, postado num palco entre os líderes do fascismo italiano e ao lado de Puccini, “rosto poderoso” e “com um nariz que bem se diria um nariz de bêbado”. Kafka imagina que “a coisa toda seria tão fácil”. Dizendo reto o revés de Kafka, a coisa toda é muito difícil, Horácio reimprime a cor e o sentido da espera frente à construção da *errância* na vulnerabilidade da palavra e do papel:

senhores passageiros  
portadores de fichas verdes  
queiram tomar seus lugares na esperança  
  
boa viagem

Importante reparar no que se apresenta a cada poema desse pequeno livro em direção aos poemas do livro do ano anterior, primeiro

como interdição política e, principalmente, como esperança a uma ecologia da errância: “queiram tomar seus lugares na esperança”. O que nos remete ao que Jacques Derrida toma como um sentido de *demeure*, que vem do latim *demorari*, ou seja, tanto esperar quanto tardar: mora, morada, demora, hospitalidade radical. Derrida pergunta como decidir sobre o que resta de modo estável, como entender essa palavra, se nome ou verbo, se locução adverbial, se ela é ao mesmo tempo o que permanece e o que intima. O pensador franco-argelino lembra que há aí sempre uma deriva de ideias diferidas, de espera, de contratempo, de atraso, de adiamento ou de suspensão. E anota que, por exemplo, “*être en demeure* é estar atrasado, e *mettre en demeure*, na linguagem jurídica, é intimar alguém a cumprir uma obrigação num determinado prazo”.

Horácio era muito atento a isso, numa espécie de propulsão da linguagem silenciosa e vertiginosamente colada ao real, tocando os esgotamentos de pressão, temperatura e densidade da atmosfera que transformam a terra e a vida natural num único modelo, agora bélico e opressivo, o do

capital e do direito que, por sua vez, violentamente existe para proteger os movimentos ininterruptos do dinheiro. Horácio cursou Direito na Universidade Federal da Guanabara, no Rio de Janeiro, e depois Letras, mestrado e doutorado na Universidade Federal do Ceará, onde foi também professor do curso de Letras.

Se numa perspectiva de geração, a que se inscreve nos anos 1960 de um Brasil descompassado pelo golpe militar e pela violência do AI-5 [perseguições, exílios, torturas, desaparecimentos e mortes], tem-se aí também as primeiras ilusões e deslumbres pelas imagens espaciais, a invasão televisionada e multicolorida, o afã tórrido pelo signo da tecnologia, a crença no pulsar do concreto fincado no planalto central — o equívoco pensado e espontâneo do que pode ser uma cidade —, a religião do progresso, o futuro incessante e que, enfim, parecia chegar a um país enorme, vasto, desigual, e que seria a natureza gratuita e cordial que iria redimir a nossa pobreza. A terra de bons ares, água em abundância, de chão fértil em que se plantando tudo dá. Natureza para ser

devorada. Nada seria impossível para o rosário da civilização de fé inabalável: modelo único, capitalismo narcótico, mutação antropológica. Mas na poesia e no pensamento de Horácio, há uma suspeita que anuncia os impasses do *humano*, quando a técnica oblitera o espaço e o tempo entre o Homem e Deus, esta ontologia ambivalente *para-humana e subdivina*, escrita em maiúsculas, a invenção de novas crenças. Em “o abismo” ele anota uma oração irônica dos objetos técnicos contra a especulação divina:

nas profundezas do abismo  
os aparelhos de ar refrigerado abafam a  
nossa voz  
Já não clamamos ao Senhor

. 2 .

Dessa maneira, podemos sugerir o empenho que se toda história é de amor é, também, *com* a poesia de Horácio, sugerir que toda história é equívoca numa oscilação daquilo que também é o seu fim, um fim, algum fim. E, assim, entre



*termo e transparência*, Horácio Dídimo sempre é, para nós, o poeta mais raro exatamente porque mais perto de uma aventura convicta e ética quando toda indagação, diante do instante e da história, ainda pode ser uma interdição silenciosa: quando fazer o possível e nada dá no mesmo. Nos restaria, com o poema, fazer a poesia, fazer o impossível. O tempo de seu trabalho com o poema é a expansão desse impossível como *hospitalidade radical*, circunscrição que gira e se engendra ao redor da lentidão, da vida colada à infância da linguagem, ao *in-fans*, numa anarquia deliberada com a síntese e o irreparável da linguagem: dizer quase sem dizer, quase não dizendo, dizer nada e, até, nunca dizer.

Vale o registro de que é essa ausência de demarcação mapeada ou severa — presença ausente no que se indica como “poesia brasileira” — que traçamos um esforço e uma luta para publicar as reedições desses dois primeiros livros: *Tijolo de barro* [1968] e *Tempo de chuva* [1967]. Foram muitos percursos e muitas conversas com alguns editores e algumas editoras, mas nada importa, mesmo quando

o lance é o jogo da poesia com o mundo, ou seja, rivalidade, “canibal da própria biografia” e genealogia de vazios, que é bem o caso de Horácio Dídimo com a poesia. E não para deixar à vista as pegadas e o rastro ileso que traçou, não para revirar a memória em busca de um lugar de origem, uma *arché* entre sentido e comando, mas sim para a alegria, esta dimensão insensata do corpo na vida, com a vida, para a vida, que é ler e reler, tomar e retomar, a poesia naquilo que ela não é. A poesia não é uma contribuição a um bem comum, não é um patrimônio comum, mas é sim um modo de existência, uma singularidade de existir, contra a falta de imaginação do mundo como fechado e finito ao sucesso do dinheiro. A poesia não-se-destina. E não à toa Horácio nos contava de um livro de poemas que escrevera e que estaria completamente perdido: *O chão dos astronautas*.

A imagem é impressionante, não apenas pela perda dos originais do livro [manuscrito, datiloscrito, digitado etc., não sabia ao certo], que é o de menos, mas pela expressão “completamente perdido” que remete aos lances mais

abrangentes de invenção, risco e partilha insuspeita. É a paradoxal e vulnerável ideia das formas de *fazer* e de *resistir* tomando o poema como mera repetição diferida que Horácio reelaborava na contingência de seu pensamento: a força de existir, a força para existir. E isto já é muito mais do que suficiente a tudo.

E aí encontramos Vitor Castro, editor da Mórula, a quem agradecemos imensamente, que topou o risco da proposição política que tentamos referendar a partir da poesia de Horácio Dídimo nesses dois livros. Importantíssimo agradecer também ao filho, Luciano Dídimo, diretor do Instituto Horácio Dídimo, e a Ana Paula Vieira, uma das netas, que nos ajudaram imensamente para que essas reedições acontecessem.

### . 3 .

Então, repare-se, ao entrar nessa esferologia da fábrica, com a imagem do tijolo e, ao mesmo tempo, com a imagem do que se inscreve no barro, tem-se uma maneira ecossocialista de

tocar o mundo, que está diante do *ludos* da infância, do *nonsense* e suas tramas, dos enigmas da conversão e da fé até os desaprumos do tempo, da morte, da palavra, dos impasses da tradição da poesia e algumas referências, como por exemplo, o concretismo de Apollinaire, as vanguardas russas, a poesia de Joaquim Cardozo, o epigrama recriado, as intertextualidades de historinhas desmedidas, a animalidade, a seca nordestina etc. Esse *Tijolo de barro*, escrito na areia no meio de uma ventania, é uma recuperação da parábola cristã da “mulher adúltera”, quando Jesus rabisca algo na areia e que não se sabe o que é. O que se tem é vínculo, dádiva, frente a um mundo doente quando tudo é ordem e também, em nossa lástima moralista, contraordem. As linhas tensas de Horácio Dídimo removem-se contra toda a precariedade da fala, com seus modos de uso da frase feita. Nesse gesto às avessas, projeta uma dança — *dizer sem dizer* —, um *dizer* esgarçado numa espiral que beira o sem fim do sem fim, mais perto do mistério, do milagre e o mais longe possível do chão. No poema “o

galo verde”, retoma a cor e inscreve um bom exemplo desse apontamento diante do “tempo de chuva”, “tempo de ventania”, imparável, faminto, onívoro:

tempo de chuva és tu  
oh galo verde  
de estranhas alcateias na garganta  
devorando flores e florestas  
como se fosse ontem

tempo de chuva és tu  
oh galo verde  
veloz  
alado  
imprevisível  
como se fosse o tempo ventania

Escrever, para Horácio, nunca foi uma necessidade, mas sim um desejo, uma exigência, uma emergência. Aderir ao movimento dos dias, à ausência de superfície, sem abundância, sem sucesso, sem fracasso, sem estratégia de mercado, sem propaganda, “participação ausente” e efetivamente severa, numa preferência radical ao

mínimo em troca da glória de fazer livros. Quando escrever não é fazer livros, e isto é um gesto que se dispara como “o raro”, numa cosmologia de sonho, quando um livro é o céu, um repouso no escuro, algo inseparável do pensamento; tal como simplesmente caminhar vagarosa e convicto por uma rua cheia de gente ou vazia. Uma coragem: alguém a algo. E isto se demora numa *anacronia*, a pensada por Derrida, por exemplo, quando não há apenas um único tempo, assim como também não há um instante sem medida comum com outro instante, e isto se dá por causa da morte. Diante da morte não há cronologia nem cronometria: “Não se pode, nem mesmo quando se readquiriu o sentido do real, medir o tempo.”, diz Derrida.

Horácio recusou educadamente um prêmio. Suas tarefas com o poema existem em silêncio. Era o passo lento, a voz baixa, o riso elegante e torto daqueles que só são capazes de rir assim porque percebem e incorporam que a vida não passa de algumas perguntas embaraçadas que esboçam o desenho de uma rarefação incomum. Mais forte, essa rarefação das linhas desenhadas

por ele, nos indicam que no fim disso tudo não há resposta alguma, apenas “hipóteses”, como esbravejou a boneca Emília, sua personagem favorita, ao sabugo Visconde. Nessa volta e meia do caminho da vida, um desequilíbrio, Horácio levou à risca o que disse Dante: o poeta tem que ser perigoso, a poesia tem que ser perigosa. É a essa ideia de que muitas vezes é preciso não se mover, a lado nenhum, e, mais ainda, do quanto o mundo, naquilo que ainda existe como poema, vem numa dobradura de criança, que é sempre a de um *provavelmente*, feito passarinho carrancudo.

#### . 4 .

*Tijolo de barro*, uma alegoria *com* um Deus católico, mas também com Eros, recupera a noção de intervalo contínuo, linha paralela entre livros e com um tempo de abismo cristão, um *religere* [reler, rever, visitar, retomar] e, simultaneamente, um *religare* perdido [religar, voltar a ligar, atar, apertar]. Assim, este livro é

tanto uma releitura quanto uma religação com a ideia de que o mundo só é se no impossível das coisas pequenas. E vem compondo e recompondo o livro do ano anterior como um pedido de clemência, que não para de se reinventar muitos anos depois em vários outros livros de Horácio como uma repetição sempre diferida de dizer sem dizer tanto: imaterialidade, inaparencia, nenhuma imagem é o visível e toda imagem, se ainda aparece, é apenas e somente uma invisibilidade. Como se pode ler e ver no poema “a paisagem”:

o cérebro metálico e megatônico da bomba  
não se interessa pela paisagem

apenas antevê a grande explosão







*Os homens-detonadores  
continuarão  
ante a loucura final  
quem os pode deter?*

**CARLOS D'ALGE**

*Sei que nessa hora  
nesse instante  
coisas intocáveis e transcendentais  
estão acontecendo.*

**DURVAL AIRES**



## **afirmação**

um dia haverá alguém que diga  
— não  
um não que cortará os pulsos  
do desespero  
um não que surgirá firme  
como o sol na madrugada  
e encherá os nossos olhos  
de lágrimas





essa segunda edição de **tijolo de barro**, de horácio dídimo, impressa na gráfica eskenazi, em papel pólen bold 90g/m<sup>2</sup> no miolo e cartão triplex 300g/m<sup>2</sup> na capa, com a tipografia meridien aparece 55 anos depois da primeira, em 2023: ano em que se completam os 49 anos do primeiro disco de antonio carlos belchior, **belchior [mote e glosa]**, e que luís inácio lula da silva, ex-retirante, nordestino, volta à presidência da república: “assim não vai doer nada”.





**HORÁCIO DÍDIMO** (1935-2018) poeta, professor, ficcionista e ensaísta cearense. *tijolo de barro* é seu segundo livro, publicado em 1968. Escreveu mais de 50 livros entre poesia, ensaios e infantis. Pela mórula publica-se também a reedição de *tempo de chuva* (2023), seu primeiro livro, de 1967.

 INSTITUTO  
**HORÁCIO DÍDIMO**  
ARTE, CULTURA E ESPIRITUALIDADE



**mórula**  
EDITORIAL

ISBN 978658131554-2

